

pendente da oligarquia despeitada. É por isso que apoio ainda o govêrno e o apoiarei não sei até quando.

Mil saudades à Baronesa e Carlotinha que ainda hão de ver-me em Grosvenor Gardens.

Um abraço apertado do seu Am.º dedicadíssimo

JOAQUIM NABUCO.

A Quintino Bocaiuva

Jornalista profissional, dos mais brilhantes e corajosos de sua época, republicano desde 1870, quando fundou o jornal A Republica e deixou o partido Liberal, sacrificando sua carreira politica, Quintino lutou pela Abolição, como todo republicano. Nos últimos anos da campanha abolicionista, êle e Nabuco trabalharam pela causa comum em íntima união, na redação de O Paiz, o grande jornal de que Quintino era diretor. A aproximação da República colocou-os em campos opostos. Ao ser ela proclamada, Quintino foi levado à pasta dos Exteriores como um triunfador. Joaquim Nabuco conta em Minha Formação da sua admiração nos tempos de estudante, pelo ilustre jornalista que lhe « deu a primeira idéia de um polemista destemido ».

68 Praia do Flamengo.

22 de junho de 1888.

Meu caro Quintino,

A inconciliável divergência em que me acho com o espírito, o alcance e o propósito do programa que você traçou para *O Paiz* no seu artigo de ontem (*Agitação Social*) veio tornar impossível a minha permanência n'*O Paiz*, já dificultada na véspera pelo seu *veto* à publicação do meu artigo contra o Manifesto Paulino e a agitação republicana do escravismo intransigente.

Pela amizade que lhe tenho, pela gratidão que devo ao *Paiz*, e também pela lealdade que foi sempre a primeira das minhas preocupações para com as causas que sirvo, é-me impossível continuar a servir ao *Paiz* com o programa que êle adotou e os

intuítos que êle revela numa crise em que a meu ver corre perigo a sorte da monarquia *libertadora* e com ela a existência da pátria unida e una.

Ontem conversei com o Visconde (1), êle disse-me que me entendesse com você novamente e eu esperei-o. Mas pensando bem vejo que é impossível entendermo-nos mais. Se adotássemos um qualquer *modus vivendi* hoje, nós ambos o infringiríamos sem querer amanhã, levados pelas duas correntes opostas de idéias e aspirações que representamos.

Não me resta assim senão pedir-lhe o obséquo de declarar pelo *Paiz* que deixei de fazer parte de sua redação, ou como você melhor entenda. Êste passo que dou e que me é impôsto tanto pela minha consciência de monarquista e de brasileiro como pela necessidade de ter a mais completa liberdade de ação na imprensa neste momento difícil e crítico para as instituições nacionais tôdas, não alterará em nada, estou certo, os sentimentos pessoais que tão estreitamente nos ligam. Quanto ao *Paiz*, não preciso dizer-lhe, que eu nunca poderia riscar do meu coração os anos de 86, 87 e 88, a lembrança da hospitalidade que nêle encontrei, nem a memória dos serviços incalculáveis que êle prestou, sob sua direção, à causa abolicionista.

Creia-me, meu caro Quintino, sempre seu

Am.º Velho e dedicado

JOAQUIM NABUCO.

A José Mariano

Não é possível separar nas lides da Abolição em Pernambuco os nomes de José Mariano Carneiro da Cunha e de Joaquim Nabuco. Tribuno popular de grande prestígio, chefe Liberal na cidade do Recife, ardente abolicionista, foi o condutor da admirável atividade secreta do Clube do Cupim, cujo fim era auxiliar a fuga de escravos e pô-los em caminho da liberdade.

(1) Visconde São Salvador do Matozinhos, português, proprietário de *O Paiz*, de que Quintino Bocaiuva era diretor.